

MARIANO, Alexandra de Brito, *José Basílio da Gama: As Minas de Ouro do Brasil — Brasilienses Aurifodinae*. Tradução edição e estudo, São Paulo, Editora da Universidade de São Paulo, 2024, 392 pp. ISBN 978-65-5785-136-4

Na segunda metade do século XVIII, mais concretamente nos primeiros anos da década de sessenta, um poeta brasileiro, ou, com mais propriedade, luso-brasileiro, visto ter ascendência portuguesa, escreveu e preparou para publicação um poema didático, assim mesmo por ele chamado, com o título de *Brasilienses Aurifodinae* (“As Minas de Ouro do Brasil”).

Era esse poeta José Basílio da Gama, nascido de pais portugueses em São José do Rio das Mortes, hoje Tiradentes, e por três anos membro da Companhia de Jesus.

O poema foi escrito em Roma, para onde o poeta partira pouco depois da perseguição aos Jesuítas que ocorreu no reinado de D. José I, não obstante ele já ter deixado a Companhia três anos depois de nela ter ingressado. É agora publicado, em versão integral bilingue (tradução, edição e estudo da responsabilidade de Alexandra de Brito Mariano), com fac-símile do manuscrito e ainda com dois estudos de enorme interesse, um em jeito de “Prefácio”, por Vânia Pinheiro Chaves, e outro de “Posfácio”, por Júnia Ferreira Furtado.

A simples publicação do texto é já em si mesmo um acontecimento, como o é a sua tradução em língua portuguesa. Trata-se de um precioso documento e de grande interesse para o estudo de um dos aspetos que marcam indelevelmente a sociedade, a economia e a cultura brasileiras do século XVIII, ou seja, o garimpo. O valor cultural de *Brasilienses Aurifodinae* é ainda reforçado pelo facto de o seu autor ter nascido e vivido o começo da sua vida em região onde a pesquisa de ouro era uma das atividades dominantes.

José Basílio da Gama, então já admitido na Arcádia Romana com o nome de Termindo Sipílio e poeta em língua portuguesa, na qual publicou um dos seus mais famosos textos, o poema épico *O Uruguai*, decidiu

escrever em latim *Brasilienses Aurifodinae*, por ele mesmo assumido como um “poema didático”.

Tal escolha justifica uma breve reflexão, visto que o poeta o era em língua portuguesa e tinha já deixado a Companhia de Jesus, embora, como se diz no “Prefácio” de Vânia Chaves, tudo leve a crer que tenha continuado a manter com a mesma Companhia excelentes relações, a ponto de se supor, com alguma razão, terem sido padres da mesma Companhia em Roma a recomendarem a sua admissão na Arcádia Romana. Acontece que a escolha do latim revelou ser frequentemente uma opção dos padres jesuítas, em especial quando os seus escritos tinham por destinatários potenciais leitores europeus. Já assim era no século XVI e no século XVII, por exemplo na China, onde escreviam em latim, língua mais acessível às elites culturais e políticas europeias, como forma de divulgação na Europa das atividades de missão. Os exemplos abundam e seria fastidioso aqui enumerá-los. O intuito de Basílio da Gama poderá não ter sido diferente.

Mas a opção pelo latim comportava desafios complexos do ponto de vista da expressão do que se pretendia comunicar: a atividade mineira, por um lado, com as suas práticas, os seus utensílios, os locais onde era exercida, toda uma série de nomenclatura, por vezes em português do Brasil, as mais delas em língua indígena como o *tupi*. Tal desafio enfrentado pelo poeta não é menor quando se apresenta a quem o traduz. É necessário identificar no latim o referente e, depois, procurar a palavra correspondente em português, língua da tradução. Alexandra Mariano faz isso com persistente cuidado, rigor e minúcia, a revelar um esforço e um espírito de exigência que merece ser sublinhado.

Dito de forma sucinta, a importância do poema, as suas características, a quantidade de informação que transmite, tudo isso é amplamente estudado. Alexandra Mariano revela, neste campo, um rigor de investigação, um esforço incessante na procura de informação, um cuidado e diligência que é justo sublinhar.

Seguramente que nem sempre terá conseguido a solução ideal e que, por vezes, pode ter cometido um ou outro lapso; o resultado, porém, é francamente positivo. E, afinal, só quem nunca traduziu se pode gabar de não ter cometido pequenas infidelidades.

Do interesse cultural da obra fala um pequeno parágrafo logo na nota de apresentação: “*O Brasilienses Aurifodinae / As minas de Ouro do Brasil* é um texto fundamental de época sobre a mineração do ouro no Brasil,

apresentando um retrato detalhado da sociedade e economia do ouro do período de Setecentos, particularmente nas Minas Gerais. É também um testemunho raro sobre as atividades mineiras subterrâneas (lavras de mina), que eram menos comuns que a prospeção efetuada à superfície, no leito de rios e cursos de água, e nas encostas e bases dos montes” (p. 40).

Estamos, pois, em simultâneo, perante um texto de história e de ciência (e de história da cultura) e ainda perante um documento revelador do culto tardio de uma língua clássica, o latim, que no século XVIII já tinha deixado de ser língua de poesia e, de modo geral, língua literária, e se circunscrevia cada vez mais à sua função de língua comum da ciência. E não se diga que, por ser um poema, esta é uma exceção; é um poema didático, assim o quis o seu autor, o que mais o aproxima da ciência do que da poesia.

Depois de um pequeno capítulo introdutório, com toda a informação que acaba de sublinhar-se, surge, então, claramente assinalado pelo suporte material (cor diferente de papel) o texto de Basílio da Gama, em edição bilingue, como se disse: o poema, com 1823 versos, acompanhados de inúmeras anotações apresentadas à margem, como se fossem escólios, em respeito total pelo que sucedia no manuscrito, escólios esses da autoria do próprio poeta, igualmente em latim e também traduzidos; a seguir ao poema, uma *Appendix compendiaría*, título traduzido por “Resumo”, o que não deixa de ser uma opção acertada, por ser disso mesmo que se trata, em 24 páginas; aquilo que o poeta designa *Quaestio curiosa*, que pretende responder à pergunta: *Virum tellus denuo generet aurum?*, isto é, “produziria a terra dos homens uma segunda vez ouro?”, questão tratada em 18 páginas; e, finalmente, um “índice das coisas notáveis” que são registadas no poema. A tudo isso se segue o fac-símile do manuscrito.

A tradução é cuidadosa e revela a preocupação, a que já acima se fez referência, de encontrar sempre a melhor solução para termos técnicos ou porventura termos populares ou da linguagem coloquial da atividade mineira (porque uma e outra categoria se misturam) e, não raro, uma outra preocupação, a de gerir cuidadosamente a transposição para português de palavras que o poeta já transpusera do tupi para o latim, tarefa desafiante, mas ingrata e espinhosa. Tarefa bem conseguida, deve dizer-se. Isso não significa que seja irrepreensível a tradução, porque nenhuma tradução o é. Traduzir é correr o risco de trair o original, por ser a busca do difícil equilíbrio entre a fidelidade ao texto de partida e a clareza que requer o outro polo da comunicação, o leitor. O resultado alcançado por Alexandra Mariano é, como atrás se diz, francamente positivo.

Uma última palavra para o livro enquanto objeto material: trata-se de uma obra de excelente apresentação, com execução gráfica cuidada e em material (o papel) que enobrece o assunto e reconhece o valor da obra. Esse, que não é um pormenor de somenos, é de saudar.

CARLOS ASCENSO ANDRÉ

caa@fl.uc.pt

Universidade de Coimbra e Universidade Politécnica de Macau

<https://orcid.org/0000-0003-3390-1406>